



BREVE ENSAIO SOBRE O CONCEITO SUBJETIVIDADE: UMA NOVA PROPOSTA?

NARDES, W. B.¹
MEDEIROS, Vagner Marchezoni.²

RESUMO

Este estudo teve como objetivo, discutir acerca das concepções sobre a subjetividade, correlacionando algumas das teorias fundadas na área de Psicologia com as ideias elaboradas por Einstein na área da Física, visando o destaque das problemáticas referente a ideia de objetividade e subjetividade e sua complexibilidade em relação ao tempo e o espaço, de modo a indagar sobre as dificuldades do tema e perceptível pluralidade das teorias, contestando a possibilidade ou não de uma teoria geral para a subjetividade. O estudo se configura como sendo um ensaio, caracterizado pela sua natureza reflexiva e interpretativa, valorizando aspectos a respeito das mudanças qualitativas nos fenômenos e objetos analisados, não objetivando alcançar uma conclusão, mas sim, de instigar o leitor a refletir, e chegar a suas próprias conclusões (MENEGETTI, 2011), através da uma apresentação de forma lógica e reflexiva por meio da argumentação, de uma interpretação e julgamento pessoal do ensaísta (PRODANOV e FREITAS, 2013). Diante das diversas concepções da Psicologia, é perceptível incongruências e certas dificuldades de se alcançar uma lei geral sobre o funcionamento e constituição da subjetividade, da pretensão de um estudo objetivo das coisas, da eliminação da subjetividade humana, ou o estudo da própria subjetividade a partir da objetividade. Posto que, há o enfrentamento no que diz respeito às influências da subjetividade sobre o estudo dela mesma, e de sua interferência nos estudos de outros fenômenos, tanto nas ciências exatas, como também das humanas, nos questionamos: em um futuro, seria possível o alcance de uma conclusão sobre a subjetividade humana?

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade, Psicologia, Ensaio teórico, Tempo-espaço.

1. INTRODUÇÃO

A história da Psicologia é formada por um constante aprimoramento, de seus instrumentos, métodos de estudos, técnicas, como também, de alterações no que diz respeito às suas concepções em diferentes escolas do pensamento, de uma substituição permanente de escolas antigas pelas novas (SCHULTZ e SCHULTZ, 1992). Uma vez que se cria uma nova escola do pensamento, surgem novos modos de perceber um fenômeno, como por exemplo, do objeto a ser tratado neste estudo, a subjetividade. Partindo desse pressuposto, poderíamos indagar sobre a possibilidade do alcance de um paradigma referente a este fenômeno? Ou então, estaríamos fadados a uma constância relativa à criação de novas e novas teorias sobre a subjetividade humana? O intuito do ensaio, como descreve Meneghetti (2011), não objetiva alcançar uma conclusão, mas sim, de instigar o leitor a refletir, e chegar a suas próprias conclusões, diferentemente das metodologias científicas tradicionais, sem estar dominado pelo formalismo; em lugar dos objetivos, da

¹Wellynton Nardes de Bairros, Acadêmico de Psicologia. E-mail: wellyntonpsi@hotmail.com

²Vagner Marchezoni Medeiros, Mestre em Psicologia. E-mail: vagnermarchezonimedeiros@gmail.com



15-16-17
JUNHO 2021



fundamentação teórica, da metodologia e justificativa, a orientação no ensaio é pelas perguntas, e não pelas afirmações.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As discussões acerca do tempo, do espaço e da subjetividade, da conceitualização e investigação destes fenômenos, não é algo recente, passível de ser notada em ciências como a Filosofia, Psicologia, Sociologia, Antropologia e até mesmo na Física. Contudo, antes mesmo de adentrarmos sobre os aspectos mais profundos do tema a ser inquirido, demonstraremos o desempenho da subjetividade por meio de um experimento clássico da Psicologia feito por Sherif (1966 *apud* ZANELLI, BORGES-ANDRADE e BASTOS, 2014) sobre a influência social, no qual o objetivo não foi o fenômeno da subjetividade, entretanto, uma parte deste experimento pode servir como demonstração da expressão deste fenômeno. Segue o seguinte experimento: primeiramente, de forma individual, colocou-se uma pessoa em um ambiente escuro com uma luz pregada na parede, acendendo e apagando; as pessoas relataram ver as luzes se movimentando, porém, é algo irreal, pelo fato de a luz estar pregada na parede. No começo, esse movimento da luz parecia ser aleatório para os participantes, mas depois de 50 vezes eles aprenderam que esse movimento tinha um padrão de movimento. Após ter feito isto com cada pessoa, foi reunido os dois participantes e feito o mesmo procedimento, só que agora com os dois juntos. Ao término, foi solicitado que relatassem os padrões aprendidos por eles, no qual foi verificado que os participantes relataram padrões distintos de movimentos de luz, isto é, perceberam a sequência dos eventos de modo distinto.

Para Pino (2010), o meio físico é uma totalidade complexa e dinâmica, que exhibe uma interação de matérias orgânicas e inorgânicas que se encontram em contínua transformação, no qual grupos de organismos produzem um sistema interativo em que as mudanças produzidas por um deles pode produzir uma mudança no outro. Em contrapartida, do ponto de vista de Vigotski (1929), não se deve explicar as funções psicológicas por meio de ligações orgânicas, mas sim através do que está fora, os estímulos, pois as funções psicológicas são construções e não estruturas naturais.

Vigotski (1929), afirma que qualquer função psicológica superior antes de se tornar uma função, foi primeiro uma relação social entre duas pessoas, elas são criadas através do coletivo, ou seja, uma função psicológica superior foi antes uma relação entre pessoas, sendo assim, algo



geneticamente social. Além disso, o autor acrescenta: “eu me relaciono comigo tal como as pessoas relacionaram-se comigo” (VIGOTSKI, 1929, p. 24). A favor disso, segundo Piaget (*apud* VIGOTSKI, 1929), antes de algo adentrar como conteúdo psicológico da criança, primeiramente ele se apresentou em uma categoria interpsicológica (entre as pessoas), uma lei que seria para qualquer função no desenvolvimento cultural da criança.

Marsciani (2014), ao discorrer sobre a *Quinta meditação cartesiana de Husserl*, vai dizer que a intersubjetividade se dá através de uma dependência recíproca entre os sujeitos, que na medida em que o outro me constitui em seu mundo, “eu” também o constituo no meu mundo, caracterizando-se por uma visão de ordem sistêmica. Sendo assim, a nossa subjetividade seria algo que é articulada na reciprocidade, “diante de mim, no mundo, habitam sujeitos e objetos, objetos que são sujeitos e para os quais eu sou sujeito e objeto.” (MARCIANI, 2014, p. 14). Diante disso, Moron (2017), vai caracterizar a subjetividade como uma constituição do sujeito a partir do reconhecimento do outro e do eu, isso acontece porque na medida em que reconhecemos o outro como diferente e o outro nos reconhece como diferente, nos constituímos sujeito para o outro e o outro se constitui sujeito para nós.

Para a Psicologia Fenomenológica, a subjetividade psíquica é organizada e centrada por um “eu psicológico” ou “eu empírico”, como nomeado por Husserl (1991). Ela nos possibilita ter experiências individuais, mesmo contendo estruturas psicológicas universais é possível encontrar formas peculiares de experienciar (GOTO, 2014). Como descrito por Silva e Henning (2013), quando falamos de subjetividade não estamos apenas falando da relação do ser humano com os objetos, mas também com as pessoas, assim, encontrando um espaço relacional, de trocas mútuas entre os sujeitos, que favorecem o desenvolvimento de ambas as partes, dando espaço para que o fenômeno da intersubjetividade aconteça.

De acordo com as perspectivas sócio-históricas, sobre o conceito de subjetividade, quando falamos de um fenômeno psicológico somos obrigados a falar da sociedade, da objetividade, pois, quando nos referimos ao conhecimento de um fenômeno psicológico, significa também, conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo, e ainda, de uma construção interna de materiais do mundo externo (BOCK, 2004). Segundo Nogueira e Moura (2007), a comunicação é fundamental para as relações humanas, por que é através dela que compartilhamos nossas ideias e experiências, transferimos nossos significados para os outros, uma tarefa que depende que aquele que está transferindo disponibilize informações sobre seus estados internos (mentais e afetivos) para



que o outro compreenda; este processo pode envolver certas habilidades cognitivas para que aconteça o intercâmbio. Para que você compreenda o mundo interno, é preciso que você compreenda o mundo externo, pois o homem modifica o seu mundo, e este dá elementos para a construção psicológica do homem (BOCK, GONÇALVES & FURTADO, 2007; BOCK, 2004).

Segundo Meheirie (2002), baseada na filosofia de Sartre, a nossa identidade, o Eu, a especificidade de cada ser, é produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, resulta da relação entre a subjetividade e a objetividade. A favor disso, Silva (2009), descreve que a subjetividade é algo interno, do psiquismo, causado por uma relação dialética com a objetividade. Em contraste, numa perspectiva contemporânea, a subjetividade é formada através do conhecimento e das experiências do sujeito, seria um núcleo, um centro da nossa personalidade, consciência, identidade, aquilo que diferencia as pessoas umas das outras (PRADO & MARTINS, 2007). Para Crochík (1998), a subjetividade se confronta com o mundo externo, porém ela surge deste. Em outras palavras, a subjetividade é um produto do meio externo, porém, ela não condiz com a realidade do externo.

2.1 A SUBJETIVIDADE NA OBJETIVIDADE

Como já supracitado, até mesmo na área da Física houveram discussões a respeito dos aspectos subjetivos, como nas descrições de Einstein (1999), que discorreu sobre a origem psicológica do conceito de tempo, afirmando que esta está ligada ao fato de nos lembrarmos, entrando em uma distinção da experiência sensorial e a lembrança, no qual “ao ato de ‘lembrar’ é associada uma experiência que é considerada como ‘anterior’ quando comparada a ‘experiência presente’.” (EINSTEIN, 1999, pp. 114-115). Também, para o autor, existe um conceito subjetivo de tempo, no que se refere à ordem das experiências vividas pelo indivíduo. Neste mesmo sentido, Einstein exemplifica da seguinte forma:

“A pessoa A (‘eu’) tem a experiência de que ‘relampeja’. A pessoa A vivencia também um comportamento da pessoa B que estabelece uma conexão entre este comportamento e a experiência de que ‘relampeja’. Para a pessoa A surge a ideia de que também outras pessoas participam da experiência ‘relampeja’. O ‘relampeja’ já não é visto mais, exclusivamente, como uma experiência pessoal, mas sim como uma experiência (talvez apenas uma ‘experiência potencial’) de outras pessoas. Nasce assim na consciência como uma ‘experiência, agora é concebido como um ‘evento’ (objetivo).” (EINSTEIN, 1999, p. 115).



Somos forçados a conceder uma ordem temporal às nossas experiências, como por exemplo: Se *B* é posterior a *A*, e *C* é posterior a *B*, então o nosso *C* também seria posterior a *A*. Devemos admitir que, duas ordens temporais se coincidem, a ordem temporal dos eventos e a ordem temporal das experiências (EINSTEIN, 1999). Neste primeiro momento de sua teoria, a denominada Teoria da Relatividade Especial, Einstein, ao falar sobre o sistema de coordenadas, vai dizer que quando se descreve um *lugar* ou uma posição no qual ocorreu um *evento* ou até mesmo onde se localiza um objeto, se apoia na indicação de um ponto de um *corpo rígido*, que seria o corpo de referência. A descrição de um evento exige um corpo de referência, e a trajetória depende da relação de um corpo de referência.

“Suponhamos que eu me encontre junto à janela do vagão de um trem que viaja uniformemente e que deixe cair uma pedra sobre o leito da estrada, sem lhe conferir nenhum impulso inicial. Então (abstraindo do efeito da resistência do ar) eu vejo a pedra cair em linha reta. Um pedestre que esteja observando minha ação a partir do solo observa que a pedra cai à terra percorrendo um arco de parábola.” (EINSTEIN, 1999, p. 16)

Em adição a isto, de acordo com Porto e Porto (2008. p. 4), “(...) de maneira frontalmente contrária às nossas concepções intuitivas, não existe um tempo absoluto, único, medido por todos os observadores.”.

Para Bock, Gonçalves e Furtado (2007), quando o sujeito produz um conhecimento, ele deve ter um olhar objetivo, a nossa subjetividade deve ser controlada nesses momentos, para que assim se possa garantir o conhecimento. O surgimento da Psicologia se deu por esse mesmo olhar de objetividade, o fundador desta ciência, Wilhelm Wundt, enfrentou um grande desafio quando propôs estudar a subjetividade por meio de métodos objetivos. Entretanto, como poderia se alcançar a objetividade de um fenômeno, uma descrição generalizada deste, visto que, como expressado até mesmo por Einstein em sua teoria da relatividade, uma teoria de uma ciência exata, que há interferência da subjetividade humana. Além disso, para Einstein (1999), o evento está localizado não só somente no espaço, mas também no tempo; o espaço, o tempo, e os eventos estão psicologicamente relacionados com a experiência pessoal, são criações da inteligência humana, são instrumentos da nossa mente que nos ajudam a fazer uma ligação entre as experiências. Para o autor, o movimento em si não importa, mas sim “o movimento em relação ao corpo de referência



escolhido em cada caso”. Em concordância, Porto e Porto (2008), afirmam que dois eventos que ocorrem ao mesmo tempo possuem uma noção relativa que dependerá do observador.

2.2 A INTERFERÊNCIA DO ESPAÇO-TEMPO

Segundo Einstein (2005, p. 38), “para descrever qualquer fenômeno físico, precisamos ser capazes de medir as mudanças que ocorrem em pontos individuais do espaço como função do tempo e da posição.”. O espaço, ou em outros termos, o “meio”, uma palavra bastante utilizada por diferentes áreas da ciência, como a Antropologia, a Paleontologia, a Sociologia, a Biologia, e a própria Psicologia, é utilizada para indicar um conjunto de condições naturais no qual se encontram diversos organismos. Apesar dos especialistas de diferentes áreas de conhecimento concordarem que o meio desempenha um papel fundamental na sobrevivência e na existência, eles apresentam concepções diferentes sobre o tema (PINO, 2010). Einstein, vai apresentar alguns pressupostos básicos, como a de que o espaço-tempo não pode existir de forma separada e independente dos objetos que estão na realidade física, e que qualquer que for o movimento ele só poderá ser concebido como um movimento relativo. Einstein (1999, p. 43) vai dizer que “já sabemos por nossas considerações anteriores que o comportamento de réguas e relógios é influenciado pelos campos gravitacionais, isto é, pela distribuição da matéria.”. Segundo Lewin (1951 *apud* VELOSO, DUTRA & NAKATA, 2015), todo pensamento, ação, desejo, realização, o comportamento que for, é gerado como uma modificação de algum estado de campo em uma determinada unidade de tempo.

Adentrando a partir da concepção psicanalítica sobre a temática, Vale e Castro (2013), ao discutirem sobre o texto de “Inconsciente” de Freud de 1915, alegam que o Inconsciente não funciona de forma cronológica, não é ordenado temporalmente e nem linear que nem o tempo no relógio que conseguimos definir um passado, presente e futuro. Para Barbosa, Polito e Filho (2014), a psicanálise freudiana apresenta a ideia de que qualquer evento importante na vida do psicanalisado será mais tarde modulador de seus comportamentos posteriores ao evento, porém, muitas vezes esse evento é esquecido ou recalcado para inconsciente; “para a psicanálise, há sempre um *tempo real* e um *tempo aparente* coexistindo, cada um associado a uma estrutura psíquica particular do psicanalisado” (BARBOSA, POLITO & FILHO, 2014, p. 584).

Referente ao tempo como parte constituinte da formação da subjetividade, usando como referência o âmbito da educação, Corrêa e Pinheiro (2013), constataram que em relação à



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



aprendizagem os educadores apresentam explicitamente dois aspectos importantes para a constituição da aprendizagem. A primeira é a verificação de um tempo, um estado de “embaraço”, trata-se do tempo no qual a criança se encontra com dúvidas e resistência diante ao que lhe é apresentado como um material novo, algumas crianças demoram mais tempo para sair deste estado, outras são mais rápidas. O fato de ocorrer essa diferença deve se tratar de uma vivência subjetiva não fixada cronologicamente na criança, mas embora possa haver essa diferenciação, todos os sujeitos aparentam passar por esse tempo. A segunda, é o que os educadores caracterizaram como um “clic”, onde a criança de repente é tirada do “embaraço” e consegue aprender e utilizar o que foi aprendido.

3. METODOLOGIA

Este estudo se configura como sendo um ensaio, como descreve Meneghetti (2011), é caracterizada pela sua natureza reflexiva e interpretativa, valorizando aspectos a respeito das mudanças qualitativas nos fenômenos e objetos analisados. “O ensaio não requer um sistema ou modelo específico, pois seu princípio está nas reflexões em relação aos próprios sistemas ou modelos.” (MENEGHETTI, 2011, p. 323). De acordo com Prodanov e Freitas (2013), consiste na apresentação de forma lógica e reflexiva por meio da argumentação, de uma interpretação e julgamento pessoal do ensaísta. O ensaio, também, se caracteriza como sendo antidogmático e problematizador.

Quanto à natureza, se enquadra como sendo básica estratégica, pois investiga os fenômenos e busca novos conhecimentos, se aprofundando mais sobre o tema subjetividade. Configura-se através do método dialético ou comparativo, visto que são apresentadas diversas definições de outros pesquisadores sobre o tema abordado, ele estuda as semelhanças e diferenças e compara as ideias de diferentes autores sobre o tema (PRODANOV e FREITAS).

A princípio, foi realizado uma leitura de algumas das concepções sobre a subjetividade, em seguida, foi realizada uma correlação com a teoria da relatividade geral de Einstein, com o objetivo de destacar as dificuldades e ambivalências referente a subjetividade e objetividade dos teóricos da psicologia e da física, no que diz respeito à subjetividade humana.



4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Silva, Picarelli e Lima (2017), afirmam que, em geral, ao iniciarmos a construção de uma teoria científica, se inicia pela observação dos fenômenos naturais, estabelecendo hipóteses que dão sustentação para a teoria. Em consonância a isto, diante dos pressupostos já apresentados pelos demais autores, indagamos sobre a existência da contraposição e conformidade entre os teóricos, que a propósito, é possível verificar um sentido na que diz respeito à própria existência de diversos conceitos do que seria a subjetividade, visto que, a criação de uma nova teoria cairia na mesma problemática: mais uma teoria sobre a subjetividade.

Levando em consideração Pereira (2007), no qual afirma que quando estamos na busca de um conhecimento, surgem sempre dois desafios, o primeiro, remetendo ao pesquisador ter que suportar as dúvidas, aquilo que ainda é desconhecido, e a sua ignorância sobre este assunto. Já a segunda, seria o fato deste conhecimento nunca ter um fim em si. Portanto, é possível que há de vir uma teoria ainda desconhecida que pudesse efetivar uma lei geral (logo, não mais uma teoria) da estrutura, configuração e funcionamento da subjetividade? Dado que, desde o início da psicologia, das elaborações realizadas por Wundt, houve uma decadência e substituição de correntes do pensamento, encontrando-se esta ciência em um estado ainda não paradigmático, em outras palavras, a impossibilidade, ainda nos dias de hoje, de se conceber uma escola como versão final (SCHULTZ e SCHULTZ, 1992).

Não obstante, diante das diversas concepções, tanto na Psicologia qualificada como uma disciplina da área de humanas, é perceptível incongruências e certas dificuldades de se alcançar (até o momento atual) uma lei geral sobre o funcionamento e constituição da subjetividade, de tentativas constantes durante sua história, da pretensão de um estudo objetivo das coisas, da eliminação da subjetividade humana, ou o estudo da própria subjetividade a partir da objetividade. Tal dificuldade, é manifestada até mesmo na Física, uma ciência exata, no qual é possível observar a presença da relatividade na “objetividade”, da dependência do ponto de referência, como já discutido.

Posto que, há o enfrentamento no que diz respeito às influências da subjetividade sobre o estudo dela mesma, e de sua interferência nos estudos de outros fenômenos, tanto nas ciências exatas, como também das humanas, nos questionamos: em um futuro, seria possível o alcance de uma conclusão sobre a subjetividade humana? Do ponto de vista de Silva e Henning (2013), o ser humano sempre vai ter uma percepção dos fatos incompleta e parcial; há uma limitação de seu



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



momento histórico. Não podemos negar a influência que o meio em que o sujeito vive exerce, entretanto, o sujeito é também co-construtor de sua subjetividade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao enquadre da natureza deste estudo, da inviabilidade de uma conclusão perante o tema abordado, e sinóptico conveniente a impossibilidade de trazer todas as teorias, nos resta apenas as indagações, um “em aberto”. Entretanto, sugerimos aos futuros pesquisadores, a proposta de investigação dentro da área da psicologia, sobre as aproximações e distinções entre as diferentes concepções, empenhando-se em verificar um consenso dentre as abordagens, aprofundando ainda mais sobre a possibilidade ou não de uma concepção geral do fenômeno subjetividade humana, de como se desenvolve, sua estrutura, suas configurações, seu funcionamento, dentre outras questões.



REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual. México: **Psicología para América Latina**, n. 1, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100002>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BOCK, A. M. B., GONÇALVES, Maria da Graça M. & FURTADO, Odair (orgs). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3ª Ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

BARBOSA, V. B.; POLITO, A. M. M. & FILHO, O. L. da Silva. Espaço, Tempo e Realidade: um estudo comparativo entre três concepções de mundo. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, vol. 31, n. 3, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5165322>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

CROCHÍK, José León. Os Desafios Atuais do Estudo da Subjetividade na Psicologia. São Paulo: **Psicologia USP**, v. 9, n. 2, 1998. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/107820>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CORRÊA, C. R. G. L. & PINHEIRO, G. da Silva. Período de latência e tempo para compreender nas aprendizagens. Maringá: **Psicologia em Estudo**, 18 (1), 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722013000100007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 abr. 2021.

EINSTEIN, A. **A Teoria da Relatividade Especial e Geral**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

_____. Sobre o princípio da relatividade e suas implicações. São Paulo: **Revista Brasileira de Ensino de Física**, 27 (1), 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172005000100005>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PORTO, C. M. & PORTO, M. B. D. S. M. Uma visão do espaço na mecânica newtoniana e na teoria da relatividade de Einstein. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, 30(1), 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbef/a/66h6nNwH5hdBMM9MMQ36YkK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

GOTO, Tommy Akira. **Introdução à Psicologia Fenomenológica: A nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

MORON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Editora Vozes Limitada, 2017.

MARSCIANI, F. Subjetividade e intersubjetividade entre semiótica e fenomenologia. São Paulo: **Galaxia**, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532014000200002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 19 mar. 2021.



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



MEHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Revista Interações**, vol. 7, n. 13, pp. 33-4, 2002. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-29072002000100003>.

Acesso em: 20 mar. 2021.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico? **Revista de administração contemporânea**, v. 15, n. 2, pp. 320-332, 2011. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/?lang=pt>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

NOGUEIRA, S. E. & MOURA, M. L. S. de. Intersubjetividade: perspectivas teóricas e implicações para o desenvolvimento infantil inicial. São Paulo: **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v. 17, n. 2, 2007. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000200014>.

Acesso em: 17 mai. 2021.

PINO, Angel. A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. São Paulo: **Psicologia USP**, vol. 21, n. 4, 2010. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42025>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

PEREIRA, Patrícia Omena Costa. **Psicólogo do CAPS: Desafios e impasses na construção de uma identidade**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Psicologia.

Programa de Pós-Graduação em Psicologia (*Dissertação de Mestrado*), 2007. Disponível em:

<<http://www.pgpsi.ip.ufu.br/node/233>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano & FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul: Universidade Feevale, 2013.

PRADO, Filho Kleber & MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**, 19 (3), 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/NJYycJNvX58WS7RHRssSjjH/?lang=pt>>. Acesso em: 17 mai. 2021.

SCHULTZ, D. P. & SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Editora Cultrix, 5ª Ed., 1992.

SILVA, Flávia Gonçalves. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. São Paulo: **Psicologia da Educação**, no. 28, 2009.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010>. Acesso em: 16 mar. 2021.



**8º SIMPÓSIO
DE SUSTENTABILIDADE**

**15-16-17
JUNHO 2021**



SILVA, R. B. & HENNING, L. M. P. A construção da subjetividade: notas sobre o sujeito. Maringá: **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 33, n. 1, p. 67-74, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/9439/9439>>. Acesso em: 09 abr. 2021.

SILVA, Carlos Alberto Stechhahn da; PICARELLI, Simone Seixas; LIMA, Marco Antonio Ferreira. A Teoria da Relatividade Especial de Einstein. **Revista Acadêmica Integra/Ação**. V. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://fics.edu.br/index.php/integraacao/article/view/541>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

VIGOTSKI, Lev S. **Manuscrito de 1929**. Educação e Sociedade, XXI, n. 71. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2021.

VALE, Sabrina Cristiane & CASTRO, Júlio Eduardo de. O tempo e o ato psicanalítico na direção do tratamento. Rio de Janeiro: **Tempo psicanalítico**, vol. 45, n. 2, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000200012>. Acesso em: 01 mar. 2021.

VELOSO, Elza F. R; DUTRA, Joel Souza & NAKATA, Lina Eiko. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e Baby Boomers. São Paulo – **REGE Revista de Gestão**, vol. 23, no. 2, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rege/article/view/121103>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Eduardo & BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt, 2014. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. 2ª Edição – Porto Alegre: Artmed.